

## PISANTES POÉTICAS: PALAVRAS DO CONCRETO

*Helga Maria Martins de Paula<sup>1</sup>*

*Angélica Ferreira de Freitas<sup>2</sup>*

*Brunna Teodoro Queiroz<sup>3</sup>*

*Renata de Mello Mamede<sup>4</sup>*

Esse é um compilado de textos construídos no exercício permanente de diálogos, costuras e encontros de mulheres, hoje estudantes e professoras, da Universidade Federal Jataí, no bojo do projeto de pesquisa "Do latão à rua dos espect-atores". As palavras trazem poéticas femininas e feministas classistas, a partir de olhares de um caleidoscópio que surge do concreto e tem como objetivo um concreto pensado que transmuta de nós para todas.

Boa leitura.



---

1 Professora do curso de Direito da UFJ e do Programa de Pós Graduação em Direito Agrário da UFG

E-mail: [helgamartinsdepaula@ufg.br](mailto:helgamartinsdepaula@ufg.br)

2 Graduanda em Direito pela UFJ, extensionista das Promotoras Legais Populares Libertárias- Jataí e NAJUP-JE. E-mail: [angelicaferreirafreitasufj@gmail.com](mailto:angelicaferreirafreitasufj@gmail.com)

3 Graduanda de Direito na UFJ, Educadora Popular no Cursinho Popular Maria Eloá - Jataí.

E-mail: [brunna\\_tq@hotmail.com](mailto:brunna_tq@hotmail.com)

4 Graduanda de Psicologia na UFJ, integrante das Promotoras Legais Populares Libertárias - Jataí.

E-mail: [renatammamede@hotmail.com](mailto:renatammamede@hotmail.com)

**Bloco 1: Estradas e Caminhos [e suas temporalidades]**

Hora 19:01:

**Poema da auto ajuda no Metrô no domingo à tarde (tempos de pandemia)**

(Helga Martins)

Uma lata de lixo bem em frente,  
Papéis, embalagens, narizes, olhos,  
orelhas, dedos, pelos, palavras,  
cruzadas, papéis, plásticos, latas,  
línguas, latas, lixos, folhas,  
restos...valiam...valiam?  
quanto valiam?  
Pareciam descartáveis,  
Pereciam...completavam seu ciclo: tempo-trabalho-embalagem  
Tempo-trabalho-embalagem-pelos-palavras  
Tempo-trabalho-línguas-cruzadas  
Línguas-cruzadas- restos...  
Prateleiras lamentavam,  
máquinas choravam,  
engrenagens enferrujavam  
Um pouco adiante, passo acelerado: olha o cara parado sorrindo!  
Testemunha do fim...perecível  
Velava silencioso  
Faltavam velas, lírios e cafezinhos,  
Embalagens-papéis-folhas,  
a-b-r-a-ç-o-s  
assim separado até não significar mais...  
mais o que?  
Mais valia...o que valia?  
Uma lata de lixo bem em frente

Hora 16:43:

(Angélica Freitas)

No agito de se viver, na inconstância chamada Vida,  
me vi sentada em uma tarde quente na Esquina da Urgência, bem ao lado da Avenida Surpresas, com seu  
desordenado trânsito e permanente horário de pico.  
De frente ao Prédio da Incompletude,  
com sua cor azul anil e seu entre e sai de novos rostos e pessoas afins.  
Atrás de mim a antiga Praça das Descobertas sempre repleta de grama verdinha e bancos de um branco que  
parecem nuvens.  
Sentada ali vi a Rota da Esperança e seus ônibus sempre em constante velocidade,  
eles não podem se dar o luxo de parar, se assim fizer a cidade para, então era mais um dia na sua já comum  
furtividade.  
Ao lado de relance, visível é o trânsito ordinário.  
Cercado de anseios dentro de carros e  
inquietações conduzindo motos.  
Mil mentes pensantes, em um trânsito sem fim...  
Sem pausa.  
Mil pensamentos em minutos, outras mil escolhas em avos de segundos:  
Onde virar?  
Que horas chegar?  
Aonde ainda posso encontrar?  
Qual a atalho certo para chegar ao lugar certo?  
Respostas encontradas em um abrigo de semáforo.  
Como é possível? Reflito comigo.  
Pedestres passam por mim, me pergunto que histórias aqueles passos ágeis carregam...

Vejo uma mãe que puxa sua garotinha que os pés não alcançando o chão faz ela voar segurada no braço da mãe,  
para dar tempo de cruzar a Faixa da Necessidade.  
Ali sentada penso na inconstância de uma cidade e de quem a faz...  
Barulhos e zunidos,  
almas tampadas pelo agito,  
quantas nesse minuto pedem ajuda?  
Quantas decisões precipitadas são tomadas?  
Quantas vitórias são trajadas em sorrisos tortos e divididas à estranhos sentados em uma cadeira qualquer?  
Ou quantas renúncias são depositadas em caixas de bancos levando sonhos em troca de um pouco de paz?  
O barulho de quem se encanta e se encontra na Praça das Descobertas, a sua escolha é por urgência, liberdade ou  
vida?  
Quem pega a Rota da Esperança todos os dias, será que um dia em algum de seus ônibus e paradas a encontrará?  
Quem a alma um dia pedir pausa aos seus próprios movimentos, aconselho, pare nesse mesmo logradouro, o  
endereço é fácil de se encontrar.  
Sente, tampe os ouvidos e tente observar as pessoas.  
Na sua sempre fugidio e cotidiana cidade que não pode parar.

Hora 13:29:

#### **LATIFÚNDIO**

(Brunna Teodoro)

Terreno Grande

Granjeiro

Gadeiro

Jazidas ? Ou Jazidos ?

Bem diferente do meu terreiro,  
Meu refúgio certo,  
Minha tábua e um travesseiro.

Preciso sonhar ...  
Com arte,  
Com igualdade,  
Com um terreno certo.

Você, fazendeiro,  
Todo dia me expulsa,  
Mata dos meus,  
Joga fogo no meu terreiro.  
Manda o governo me aprisionar,  
Manda jagunço me matar.

Meu movimento pode não ter terras,  
Mas temos braços, sangues e fúrias de aço.

Podem nos expulsar,  
Podem nos criminalizar,  
Podem nos apavorar.  
Mas, de você, não temos medo.

Aqui cresci,  
Aqui vou ficar.  
Pode querer me tirar,  
Mas daqui só saio quando:  
Minha força se exaurir,  
Meu nome não mais existir,  
E quando o manto vermelho me cobrir.

Mesmo assim, permanecerei aqui;  
No legado,  
No movimento,  
Na história.  
Apenas quando o sangue marcar, não só, sua memória, quanto a nossa vitória!

Juntos venceremos.

Hora 10:23:  
(Renata Mamede)  
A gente não sente  
sente um a um  
"união" por um fio  
quero emaranhado nenhum!  
curto circuito crente,  
Que cada um cada um

-----fio-----

Quero que esse fio de arame  
(sós)  
Se revolte com urgência  
Metamorphose constante  
laços de insurgência;  
(nós)

Hora 07:13:

(Renata Mamede)

Levanto cedo, não gosto de perder tempo. Preparo meu café e o aprecio sozinha; Júlio já saiu para o trabalho. Acomodo-me na minha poltrona preferida; vermelha com verniz, bem em frente à janela. Lembro que quando me mudei para o apartamento tinha muito medo da altura que a janela me proporcionava, mais medo ainda do que me esperava 80m abaixo; a Favela. Na época, Júlio me tranquilizou, ele, militar, disse que meu medo era bobo e que bastava alguns tiros para estar em segurança, o próprio me protegeria. Mesmo assim, me tremia inteira quando ouvia algum barulho de tiro ou cruzava na rua com algum traficante; imagina se ele faz alguma coisa comigo! Não gosto nem de pensar...

Busco, na cabeceira ao lado da poltrona, meu divertimento atual: "Meditações e seu poder de mudança" de um guru famoso que uma amiga indicou. Acomodo-me na poltrona e continuo a leitura; descubro várias coisas interessantes, inclusive, que se todas as pessoas do mundo fizessem meditação não haveria mais guerra e violência! Olha só que notícia boa, se ao menos o pessoal lá de baixo soubesse disso, tenho certeza que iam pensar duas vezes antes de roubar ou estuprar alguém! Seus tiros e gritos iam parar de ecoar no meu apartamento, atrapalham tanto o sono!

Separa a página para mostrar para Júlio, tenho certeza que ele ia ficar feliz, ele se cansa tanto com a violência do mundo... Ele não me conta muito, mas sei que sempre volta pra casa triste, cansado, rabugento! Não que eu esteja reclamando, me sinto muito feliz perto dele, mesmo que ele não tenha um jeito muito delicado... Ele é homem, e enfrenta tanta coisa lá fora, então eu entendo. Ele me fez quem eu sou hoje, me deu um lar, segurança; sempre me faz perceber quando estou errada e me ajuda a escolher melhor minhas companhias.

Olho o relógio, quase hora do almoço! Levanto-me depressa e começo a preparar o prato predileto de Júlio: frango à passarinho. Não posso me demorar, da última vez que a refeição tardou a sair, Júlio se zangou e jogou a comida da panela no chão e fez voar o prato da mesa. Um pouco de feijão quente me marcou, mas tenho certeza que não foi de propósito e ele pediu muitas desculpas depois. Franguinho preparado, tomo um banho correndo e coloco uma calcinha de renda bem delicada por baixo do vestido, sei que ele gosta de aliviar o estresse depois do almoço. Tudo pronto e arrumado, me acomodo na poltrona vermelha de verniz e espero ansiosamente por sua companhia... Espero que chegue logo, não gostaria de ver sua reação se encontrasse a comida fria. Ouço o eco de um tiro vindo lá de baixo. Que susto! Ah, como o mundo é violento lá fora...

## **Bloco 2:** Cidades [seus pontos fixos e paradoxos]

### 1. (Angélica Freitas)

Vejo a rosa da esperança  
brilhar.

Na tentativa clamante de  
brotar em vales de caos.

O antes agito se tornou  
rispidamente remanso.

O manso se tornou  
primordial.

Em ciclos de readaptações, a  
vida engatinha no novo, se  
acostuma na marra ao  
desconhecido, o teme e se  
preveni com o que pode, ou  
com a dor da falta de  
proteção à aqueles que não  
pode.

Se faz o que não pensou.

Se torna o que não imaginou.

Na desordem mundial a  
natureza tem tempo e espaço.

Brotam rosas que  
infelizmente nem sempre são  
todas esperançosas, e dessas  
vem espinhos nefastos de  
traços de falsa quietude.

Quietude que nunca prévio.

Se viu...

No antes inimaginável, se  
temem o invisível, e ele faz  
de vidas... números.

No balanço do dia insurge  
aflição.

Humanos tais como se viu,  
reflexo do desvario da falsa  
ordem.

Agora se recompõe em  
tempos de medo, se cobre de  
pranto no desgosto astroso  
do silêncio

na inércia de quem não pode, nem deve e jamais o fará.

Vidas se vão, não são apenas nomes em boletins, são vidas, que  
nos dias que se passam se apagam em macas pavorosas da atroz  
desumanidade daqueles que deviam ser guias da nação, partem em  
corredores lotados e assombrosos das mesquinhosidades de quem  
se diz Capitão.

Capitão: - "E daí?"

No daí se vai vidas...

No daí ficam famílias,

que jamais se recomporão.

- Capitão "chão"!

Desmorona a máscara em frente à nação.

- Capitão até onde vais capitão?

Ou se barra genocídio, ou vai se embora a nação.

Para aqueles que ainda acreditam... Pena.

Os que se deram conta se faz refúgio a casa,

se tampa sorrisos em máscaras que viram lenços de lágrimas,  
quando não mais conseguem suportar.

Se usa álcool e bom senso na ternura de respeitar o próximo, na  
tentativa de viver que se torna dádiva diária.

Aqui não se arma com arma, a arma é a constante luta por vida.

Se um dia no venturo se encontrar com páginas manchadas pelo  
tempo que em marcas escuras se fazem, uma prece te faço, que só  
deixe as mais belas por cima, que somente as mesmas sejam de  
superação e não de sangue em tantas mãos, que seja de respeito na  
conjuntura indesejável que um dia vivenciou-se.

Agora paro no tempo na quietude rotineira que se torna normal,  
olho e vejo brotar no jardim dos que ainda lutam, uma rosa...

Tal rosa é majestosa, tão linda...

- Vem! Aproxime-se! Veja junto comigo! Ela brilha? Ou só eu  
ainda sou capaz de ver?

- Brilha sim! Claro que brilha! Não poderia ser diferente, pois, na  
insurgência do caos iminente sempre brotará esperança, de um  
povo tenaz e obstinado que do caos renasce se faz e não desiste,  
capitão, aqui não capita, mas quem capita é o povo...

Vejo a rosa da revolução brilhar, aos  
poucos e bons que ainda acreditam em mudança...

A rosa sempre se apresentará

Incrível que, o que o mundo teme agora não é mais perder tempo e sim, perder no tempo aquilo que ama.

Que a rosa da esperança seja fiel companheira e proteção, dos que ainda acreditam e enxergam ela brilhar.

2. (Renata Mamede)  
Frágil (des)esperança  
Nessa terra de distopia  
Canso-me da verdade  
Ela me pesa, cobra;  
o incarrigável e impensável  
o (simples?) agir

Atrito entre minha esperança e impotência  
Saudosa ilusão que me alegrava  
Ou que pelo menos entorpecia

Transpassada a névoa  
Percebo tentativas inúteis de unir  
Minha antiga forma à mim  
Não me encaixo a esse distorcido reflexo.  
Escolho mudança.

### 3. Para as mães de maio nas cidades e no campo: (Helga Martins)

Eram muitas...  
Poucas olhavam para trás (sequer olhavam para frente)  
e sob a imensidão colorida  
viram seus filhos partirem

Solta nos trilhos, no concreto,  
perdida na promíscua “morada dos anjos”  
é recepcionada pela imagem da Criação deste tempo-chão em suas mutações de medo e terror,  
suplantada pela estátua caída, Michelângelo falsificado e incrivelmente belo.

Seus olhos indiferentes fitavam cubos de plástico  
opacos, sujos, maleáveis  
como as feições da sensibilidade em feita,  
e dizendo: CHEGA! Quase quebra-se na noite amarela.

Como última anfitriã de uma casa em ruínas  
bate-se em sua porta  
Quase muda, quase surda, quase nada  
“Entre...a casa é sua”

Então, em desespero,  
abre, trêmula, o armário  
e, já salgada, fecha-se:  
é mãe novamente

### 4. ISSO É COISA DE BRASILEIRO (Brunna Teodoro)

Sou Branco. Sou Branca  
Sou Preto. Sou Preta.  
Sou Índio. Sou Índia.  
Sim, sou brasileiro. Sou brasileira.

Levo a Copa Cabana ao Terreiro  
Expulso a disfunção  
Expulso o preconceito!  
Não me calo.  
Exijo respeito!

Sou um, apenas um...  
De uma clara classe, na verdade.  
Possuo classe,  
Pertencço a uma classe.

Não há quem possa me calar  
Não há quem possa me expulsar  
Me hierarquizar!

Não há quem me possa oprimir,  
Pois aqui não há essa “democracia”.  
Isso não existe.  
Conheço minhas raízes.  
Meus direitos e minha história;  
Guardo suas atitudes na memória.  
Mas sempre irei lutar,  
Talvez me rebelar ...

Posso sim,  
Ser mostrado como operário,  
Marginalizado,  
Mesclado,  
Ladrão de terras e raízes,  
Motivo de rupturas.

Fazendeiros, empresários, patrões e senhores,  
Denoto minhas dores,  
Denoto minhas cores,  
Minhas terras,  
Meus clamores.

Ei, moço,  
Não se chateia não,  
É só um tostão;  
Um pedaço de pão;  
Um cantinho de terra, que também é minha.

Não senhor,  
Não patrão,  
Não à rainha;  
Devolvam minhas raízes...  
Às quais me tiraram da espinha.  
BEM-VINDO AO BRASIL



(Helga Martins)

Por que o olhar cinzento quebra a tarde em chamas?

Depois do tarde demais,

Aterrisa a maré sem direção

E o belo desintegra-se com a mesma rapidez

da figura humana

Humana pelos sulcos finitos

Infundáveis questionamentos violentos porque existem em forma de regras históricas,

Memória, tempo e sentido,

Sentido do metabolismo que permite existir...resistir?

Ao observar a janela desejo correr

Não que o correr venha imbuído de algum significado

Apenas correr até minhas pernas fincarem no chão.

Lá, quieta, brotaria

Nascem folhas-mãos, flores-bocas e frutos-olhos

sem dependências inúteis, confidências,

Isolada em mim a verdade é pífia

Patife: por que corta tão preciso em seus movimentos?

Derramo-me em seiva quase imperceptível.

## 6. (Angélica Freitas)

Se veste de luta.

Se enxerga no poente descontentamento.

Se revela,

rebela,

se busca o sonhar...

Matéria de corajoso no mundo de hoje...

Esse tal ato sonhar.

Quem acredita se entrega.

Se põe pelos direitos: pela terra, pela moradia, pelas crianças, pelas

mulheres que em suas infinitas danças, faz a linda e velha

esperança que não pode acabar

Se exige respeito pela diferença, pelos corpos de tamanhos distintos, por seus pelos, cicatrizes e marcas que carregam por simplesmente se pertencer ao tempo.

No que a vida nos surpreende, nas aparentes deficiências, limitações e desafios que só nos torna aquilo que somos e ninguém pode mudar.

No grito de minorias, naquela força invisível e de pura magia de quem tem voz e a deve usar.

Esperança que não deve cessar.

Luta pelas cores, pelos credos, pelas opções e amores, que fazem do mundo, encanto.

Pela densa magia de se poder ser quem se é, e ocupar o mundo em sua plenitude.

Se joga na busca, pelo que não se concorda, ou por aquilo tudo que concorda.

Pela mudança, por ser inquietação que não deve esperar.

Se revoluciona e se busca nas vestes de ser luta, e na luta aos poucos percebe que ali se encontra, se faz e refaz

## 7. ISOLAMENTO

(Brunna Teodoro)

Corpos ...

Separados!

Ao chão.

Serão todos..

Unilaterais,

Conjuntos,

Iguais?

Sem direitos.

Sem deveres.

Expostos!

Longe de seus luxos,

Prazeres,

Viveres.

Insurgentes?

Divergentes!

Extintos de um simples toque;

Um simples clamor.

"Quem viveria em tais condições?"

"Que horror!"

"Como poderia o 'Homem Social', viver sem sociedade?"

Bem-Vindo ao Isolamento,

À Desigualdade



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Submetido em 04/06/2020.

Aprovado em 18/07/2020.